

A RELAÇÃO ENTRE A INTELIGENCIA EMOCIONAL E A SATISFAÇÃO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

**ADÉLIA SAMPAIO VISGUEIRO COSTA
DANIEL MACIEL CÂNDIDO
ÍTALO GUILHERME RIBEIRO DOS SANTOS
LUIZ FERREIRA DA SILVA FILHO
VICTOR DELGADO DA SILVA**

RESUMO

Durante muito tempo, a inteligência era relacionada à alta capacidade de raciocínio lógico, porém, percebeu-se que este conceito não abrangia a totalidade de aludido recurso mental. Goleman (2007) apresentou o conceito de inteligência emocional segundo o que a partir do conhecimento das próprias emoções e das dos outros, do desenvolvimento do equilíbrio, de como lidar com estes sentimentos, e da habilidade de se automotivar, é possível obter maior realização pessoal, profissional e melhores níveis de bem estar pessoal e social. Nesse contexto, objetivou-se examinar a correlação entre o nível de inteligência emocional e a satisfação nas relações conjugais, utilizando-se os resultados como subsídio para o desenvolvimento de relacionamentos afetivos mais bem sucedidos. Para tanto, realizou-se pesquisa de campo, de caráter descritivo, de delineamento correlacional e de natureza quantitativa entre 50 funcionários públicos do TRE/PB, utilizando-se um questionário sociodemográfico e duas escalas que avaliam satisfação conjugal e inteligência emocional. Os dados coletados foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS em sua versão 20.0, utilizando-se a estatística descritiva e inferencial. Ainda, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa do Unipê, e observância à resolução 466/12 do CNS/MS. Em sede de resultados verificou-se a existência de correlação positiva entre as variáveis de Satisfação com a Interação Conjugal e o Uso das emoções (0,374) e ($p < 0,01$). Com efeito, demonstrou-se que a utilização da inteligência emocional dentro das relações conjugais contribui positivamente para o desenvolvimento de vínculos afetivos de melhor qualidade.

ABSTRACT

For a long time, intelligence was related to the high capacity for logical reasoning, however, it was realized that this concept did not cover the totality of the referred mental resource. Goleman (2007) presented the concept of emotional intelligence according to which, based on the knowledge of one's own emotions and those of others, the development of balance, how to deal with these feelings, and the ability to self-motivate, it is possible to achieve greater personal fulfillment, professional and better levels of personal and social well-being. In this context, the aim was to examine the correlation between the level of emotional intelligence and satisfaction in marital relationships, using the results as a basis for the development of more successful affective

relationships. so much, field research, of descriptive character, of correlational design and of quantitative nature was carried out among 50 public employees of TRE / PB, using a sociodemographic questionnaire and two scales that evaluate marital satisfaction and emotional intelligence. The collected data were analyzed using the SPSS statistical package in its version 20.0, using descriptive and inferential statistics. The study was also submitted to the Research Ethics Committee of Unipê, and in compliance with resolution 466/12 of the CNS / MS. In terms of results, there was a positive correlation between the variables of satisfaction with marital interaction and the use of emotions (0.374) and ($p < 0.01$). Indeed, it has been shown that the use of emotional intelligence within marital relationships contributes positively to the development of better quality affective bonds.

INTRODUÇÃO

Durante bastante tempo, a inteligência foi vista como uma habilidade intelectual que se destacava naqueles que apresentavam alta capacidade de raciocínio lógico e medida pelos tão conhecidos testes de QI. Porém, com o passar dos anos e o surgimento de estudos mais aprofundados sobre o tema, percebeu-se que este conceito não abrangia em sua totalidade esse recurso mental que apenas aos seres humanos foi concedido.

Assim, no século XIX, a partir de estudos realizados por autores como Salovey, Mayers e Caruso (1999), outras formas de inteligências começaram a ser pesquisadas, dentre elas a que permeia este trabalho de pesquisa: A Inteligência Emocional. E muito embora seu conceito tenha sido criado pelos autores acima citados, foi com Daniel Goleman que esse construto ganhou grande visibilidade e revolucionou a definição sobre o que é ser inteligente.

Segundo Goleman (2007), a inteligência emocional é composta por aptidões nas quais se incluem autocontrole, zelo e persistência e a capacidade de automotivação. Desta forma, a partir do conhecimento das próprias emoções e das dos outros, do desenvolvimento do equilíbrio, de como lidar com estes sentimentos, e da habilidade de se automotivar, é possível obter maior realização pessoal, profissional e melhores níveis de bem estar pessoal e social.

Neste contexto, objetivou-se com o estudo analisar a existência de correlação entre inteligência emocional e satisfação nas relações conjugais através de pesquisa onde fosse possível traçar um perfil detalhado dos

participantes, bem como seus níveis de inteligência emocional e satisfação conjugal. Definiu-se como hipótese que quanto maior o índice de inteligência emocional do indivíduo maior seria o seu nível de satisfação conjugal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Goleman (2007), a inteligência emocional prevalece sobre o QI apenas naquelas áreas “tenras” nas quais o intelecto é relativamente menos relevante para o sucesso. Neste particular, deixa-se entrever um dos terrenos mais favoráveis a incidência de aludido constructo, qual seja, a dos relacionamentos interpessoais, em especial no que tange às relações conjugais, onde a inteligência cognitiva do indivíduo seria menos importante do que uma inteligência emocional bem desenvolvida.

Com efeito, a inteligência emocional é a habilidade que nos ajuda a conviver socialmente e lidar bem com relacionamentos. Deste modo, autocontrole e empatia tornam-se importantes ferramentas para se alcançar relações bem sucedidas, maiormente no que diz respeito as relações conjugais.

Assim como Schmidt (2015) menciona, ao se envolver em uma relação a dois, cada cônjuge tem a experiência da modificação e reorganização da sua realidade individual, através disso inicia-se uma nova etapa que é a construção de um mundo em comum, com referências e identidade partilhada, do que o autor menciona como uma espécie de "eu conjugal".

Nesta quadra, situações nas quais afloram os conflitos conjugais dizem respeito ao processo de adaptação, sincronia e amadurecimento da relação ao longo do tempo (BODENMANN, 2010) e, também, podem estar relacionados às divergências sobre a educação dos filhos, o tempo em que os parceiros ficam juntos, as finanças, a divisão de tarefas domésticas, as questões legais entre outros motivos (BOLZE; SCHIMIDT; CREPALDI; VIEIRA, 2011).

Há ainda, como fatores de conflitos conjugais como a forma de se comunicar (TOROSSIAN; HELENO; VIZZOTTO, 2009), as características individuais como temperamento e autoestima, e os padrões de interação entre os cônjuges (SILVA; VANDENBERGHE, 2009).

O conflito entre o casal também é considerado um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias como depressão, transtornos de ansiedade e abuso de álcool nos cônjuges (EPSTEIN; BAUCOM; LATAILLADE, 2006; FINCHAM, 2003). Além disso, o estresse conjugal aumenta a probabilidade de os indivíduos desenvolverem problemas físicos de saúde e também apresentarem dificuldades de funcionamento no trabalho (EPSTEIN, et al., 2006).

Com efeito, é neste recorte em que o conflito conjugal tem preocupado pesquisadores das áreas de família e desenvolvimento humano, tendo em vista o seu efeito nocivo na saúde mental e física dos cônjuges e da família (FINCHAM, 2003), merecendo um contínuo estudo acerca dos fatores que lhes são subsidiário como forma de melhor identificar o foco conflitivo bem como erradicá-lo.

METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 50 funcionários do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba – TER/PB, sendo 25 homens e 25 mulheres, casados com idade mínima de 18 anos, com pelo menos um ano de relacionamento. A técnica adotada para a seleção da amostra foi a não-probabilística por conveniência. Foram utilizados três instrumentos neste estudo: um questionário sociodemográfico, uma escala que avalia a inteligência emocional (ARAÚJO, 2006), composta de 17 itens e 5 pontos de resposta; e uma escala de satisfação conjugal (HERNANDEZ, et al., 2017), composta por 24 itens e 3 pontos de resposta.

Os dados coletados no questionário sociodemográfico e nas escalas foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS em sua versão 20.0, utilizando a estatística descritiva e inferencial. Ainda, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa do Unipê, seguindo todas as exigências pertinentes à resolução 466/12 do CNS/MS.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa analisou a relação entre inteligência emocional e satisfação nas relações conjugais e a forma como os indivíduos são impactados pela dinâmica observada entre esses dois fatores.

Em sede de resultados, foi possível observar a existência de correlação positiva entre as variáveis de satisfação com a interação conjugal e o uso das emoções, com índice de 0,374 ($p < 0,01$), explicando 13,98% da variância compartilhada.

	Próprias emoções	Emoções dos outros	Uso das emoções	Regulação das emoções	Inteligência Emocional Geral
SAOE	0,186	0,161	0,274	0,145	0,273
SIC	0,203	0,222	0,374**	0,136	0,332*
SAE	-0,166	-0,222	0,140	-0,187	-0,133
SCGERAL	0,069	0,048	0,309*	0,019	0,165

Nota 1: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Nota 2: Satisfação com os Aspectos Estruturais (SAOE); Satisfação com a Interação Conjugal (SIC); Satisfação com os Aspectos Emocionais (SAE); Satisfação Conjugal Geral (SCGERAL)

Com efeito, os dados analisados revelaram a existência de correlação entre satisfação com a interação conjugal e inteligência emocional geral, com índice de 0,322 ($p < 0,05$), explicando 10,36% da variância compartilhada. Também, observou-se haver correlação entre satisfação conjugal geral e uso das emoções, com índice de 0,309 ($p < 0,05$), explicando 9,54% de variância compartilhada.

Diante deste contexto, é possível visualizar a importância da inteligência emocional em circunstâncias que envolvam questões relacionadas às relações afetivas, pois, segundo Goleman (2007), são as nossas emoções que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos que tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo de um único intelecto.

Outrossim, Goleman (2007) adverte que a inteligência emocional prevalece sobre o QI apenas naquelas áreas “tenras” nas quais o intelecto é relativamente menos relevante para o sucesso. Neste particular deixa-se

entrever um dos terrenos mais favoráveis à incidência da aludida teoria, qual seja, a dos relacionamentos interpessoais, em especial no que tange às relações conjugais, onde a inteligência cognitiva do indivíduo seria menos importante do que uma inteligência emocional bem desenvolvida para o estabelecimento de um vínculo mais satisfatório.

Deste modo, a partir das correlações acima alinhavadas constata-se a existência de uma íntima ligação entre o nível de inteligência emocional de um indivíduo e sua satisfação em um relacionamento conjugal, segundo a proporção de que quanto maior a inteligência emocional maior a satisfação na relação conjugal.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a relação entre inteligência emocional e satisfação nas relações conjugais encetado pela pesquisa, comprovou, de forma robusta, a validade do modelo teórico relacionado à inteligência emocional, desenvolvida por Salovey e Mayer (1990) e Goleman (2007), com base no constructo de inteligência social engendrado por Thorndick (1936).

Neste contexto, após a análise dos dados coletados foi possível observar a existência de correlação positiva entre o uso da inteligência emocional e um melhor nível de satisfação dentro das relações conjugais, contribuindo assim para o estabelecimento de vínculos afetivos mais bem sucedidos.

Nada obstante, impende ressaltar que a pesquisa foi realizada a partir de uma amostra reduzida e retirada de uma parcela bastante específica da população, o que pode eventualmente ocasionar um viés nos dados obtidos.

Cabe ressaltar, também, que os resultados apresentados nesta pesquisa possuem um valor agregado no sentido de que podem servir de base a intervenções terapêuticas na clínica de casais, contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento de relações conjugais mais satisfatórias.

Em última análise, à título de sugestão, levando-se em consideração o universo restrito da amostra utilizada nesta pesquisa, propõe-se a sua continuidade de forma ampliada, alcançando-se um maior número de

indivíduos, objetivando a obtenção de resultados ainda mais fidedignos à realidade e novas confirmações das teorias que foram apresentadas.

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M. (1984). **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas.

ARAUJO, A. S. M. S. **As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas pelo cônjuge**. Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia (Centro de Educação e Humanidades) Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BENETTI, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268*

BERTONI, A., et. al., (2010). Satisfied and dissatisfied couples: Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15(3), 175-184. doi:10.1027/1016-9040/a000015.

BOLZE, S. D. A. et al. Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. **Actualidades en Psicología** (Current Trends in Psychology), v. 27, n. 114, p. 71-85, 2013.

BOLZE, S. D. A., et. al, (2011).Conflito Conjugal: Uma revisão da produção científica brasileira. *Pensando Famílias*, 15(2),51-69. Recuperado em:<http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: metodos qualitativos, quantitativos e mistos. 3º edição: artmed, Porto Alegre, 2010.

EPSTEIN N. B., et. al., (2006). **Marital problems**. In Jane E. Fischer; W. T. O'Donohue (Orgs.), **Practitioner's guide to evidencebased psychotherapy** (pp. 396-407). New York: Springer.

FERNANDEZ, P. et. al., **Cultura inteligência emocional percebida e ajuste emocional: um estudo preliminar**. Disponível em: <http://www.robertexto.com/archivo12/cultura_inteli_emo.htm> 18 Jun.2019.

FINCHAM, F. D. (2003). *Marital conflict*: correlates, structure and context. **Current Directions in Psychology Sciences**, 12(1), 23-27.

GOTTMAN, J., et. al., (2000). Sete princípios para o casamento dar certo. Rio de Janeiro: Objetiva.

KREPPNER, K. (2003). Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In J. Valsiner & K. Conolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 194-214). London: Sage.

LOSCHI,M.; **Casamentos que terminam em divorcio duram em média 14 anos no país**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia->

[noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais>](#) 18 Jun.2019.

MINUCHIN, P., et al., (1999). **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas.

PICCOLI, E. **Até que a vida nos separe: os motivos para separação conjugal em processos judiciais**. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/III mostra/Psicologia/62355%20-%20ELIANA%20PICCOLI%20ZORDAN.pdf>> 18 Jun.2019.

SCHMIDT, B. et al., Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 3, p. 871-890, 2015.

SCORSOLINI, F. et al., **Fatores associados ao Bem-Estar Subjetivo em pessoas casadas e solteiras**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200313> 18 Jun. 2019.

SILVA, L. P. et. al., (2009). Comunicação versus resolução de problemas numa sessão única de terapia comportamental de casal. **Revista BTCC**, 11(1), 43-60. Recuperado em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/383>.

TAVORA, M. T. (2009). Contrato emocional e código de ética: Pilares da reconstrução conjugal. **Psicologia**, 40(1),50-57. Recuperado em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewArticle/3999>

TOROSSIAN, M. S, et. al., (2009). Relacionamento conjugal e o fenômeno da violência doméstica: Um estudo de caso. **Psicologia da Saúde**, 17(1),12-16.

ZANELLA, T. A. et. al., Motivos das Dissoluções Conjugais na Atualidade: uma revisão narrativa. XI mostra de Iniciação Científica e extensão comunitária. IMED. Disponível em: <https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ximic/paper/viewFile/597/177>. Acesso em 18 de junho de 2019.